<secção> destaque

<etiqueta> jubileu

<título> Misericórdia, pois não nos basta um amor qualquer…

<entrada> sem entrada

Texto de D. Manuel Clemente [Cardeal-Patriarca de Lisboa]

(destaques propostos a vermelho)

Podemos perguntar porque é que o Papa Francisco proclamou um Jubileu Extraordinário da Misericórdia. E podemos responder com as suas próprias palavras, para acertarmos na intenção. Escreve assim, na bula *Misericordiae Vultus* (O Rosto da Misericórdia), de 11 de abril de 2015, nº 3: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes.”

Bastará como referência, para respondermos à pergunta sobre o porquê do presente Jubileu (ou Ano Santo). Fixemo-nos, antes de mais, na oportunidade aludida: há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia… Sobre estes momentos, atuais e nossos, tem o Papa Francisco falado e alertado continuamente, desde que foi eleito em março de 2013. Carateriza-os negativamente como de grande descarte de pessoas e multidões inteiras, que não são atendidas nas respetivas necessidades básicas de alimentação, saúde, educação e integração sociocultural.

Realidade tanto mais chocante quanto dispomos hoje, a nível nacional ou mundial, de possibilidades inéditas de responder às necessidades de todos. Isto mesmo se verifica, aliás, quando a humanidade reage como um todo, abalada por algum cataclismo natural ou alguma tragédia mais chocante. – Qual a razão de tanta generosidade não se tornar mais permanente? – Porque é que não induz os governos nacionais e internacionais a irem por diante com programas de verdadeiro desenvolvimento regional e global?

Com o Papa Francisco, verificamos como as crescentes concentrações humanas, em megacidades de toda a gente e ninguém, ou em mediações virtuais que tanto facilitam os contactos como os rarefazem de densidade, concorrem negativamente para destruir relacionamentos sólidos e antigas vizinhanças.

Resta saber como solucionar o problema. Para o Papa, a resposta implica vários níveis, conjuntamente ativados: sensibilização de pessoas, instituições e governos; fortalecimento dos vínculos sociais, a começar pelas famílias; e reforço do empenhamento dos crentes, para que estejam verdadeiramente do lado de Deus, ao serviço de todas as suas criaturas.

Os constantes pronunciamentos pontifícios, tanto os formais como os espontâneos, pretendem que ninguém descanse ou adie seja o que for no que às necessidades dos outros respeita. Tanto mais quanto esses pronunciamentos são por vezes feitos em locais e circunstâncias que lhes dão maior relevo, seja na ilha de Lampedusa, entre os refugiados do Mediterrâneo, seja nas zonas socialmente mais problemáticas do mundo, da República Centro-Africana ao México. E isso mesmo faz diante de governantes e de quem queira ouvir, como ele acredita que aconteça – e nós acreditamos também, pois todos temos consciência, mesmo que seja preciso acordá-la.

No que aos vínculos sociais diz respeito, o Papa insiste no reforço da sua base, que é necessariamente a família. Foi por isso que convocou duas sessões do Sínodo dos Bispos (2014 e 2015), para envolver toda a Igreja na reflexão e na ação em prol da preparação e do acompanhamento dos casais e das famílias, segundo a proposta cristã, que lhes proporciona consistência e fecundidade. Toda a Igreja se há de tornar em “família de famílias”, para que cada comunidade ou instituição cristã se torne acolhedora de cada um dos seus membros e de todos os que por alguma razão a procurem. Noutro passo da citada bula, o Papa exprime este desejo de modo muito sugestivo: “Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia” (*MV*, 12).

Quanto ao maior empenhamento dos crentes, o Papa quer garanti-lo na própria origem, que só pode ser a vontade divina de que sejamos uma única e grande família humana, com o que tal requer de corresponsabilidade e partilha. É desta fonte divina que podemos retirar um amor a toda a prova, como o que havia em Cristo e o seu Espírito nos comunica. Assim o queiramos e recebamos também. Como a água da fonte, que sempre corre mas só dessedenta quem a quiser de facto beber.

Para isso mesmo há de servir o presente Ano Santo. Chama-se “jubileu”, nome dum instrumento de sopro com que o antigo povo bíblico seria periodicamente despertado para o que era e devia ser, ou voltar a ser: “Povo de Deus”, para fazer um mundo segundo Deus, de todos e para todos. Por isso era também um “Ano Santo”, ainda mais preenchido pela santidade e a graça divinas.

As práticas que o Papa indica vão todas nesse sentido: peregrinar e entrar por uma “Porta da Misericórdia”, nos templos em que se abriram, lembra-nos que somos “mendigos do amor de Deus”, como assim mesmo exprimimos. Atos penitenciais e sacramentais correspondem com a graça divina ao nosso desejo de conversão. A prática das obras de misericórdia liga intenção, oração e ação, como acontece sempre que os sentimentos são verdadeiros e por isso se comprovam: quem busca misericórdia, pratica misericórdia, pois é no dar que se recebe e Deus retribui sempre a cem por um.

Por “misericórdia” entende-se um amor de dentro, entranhado e profundo, como o das mães e pais pelos filhos que nunca enjeitam, condoendo-se com as suas dores, ou prevenindo-as. Assim se revelou o amor de Deus na história bíblica, nunca deixando de procurar ou de esperar quem se perdia ou ausentava da sua intimidade e da sua lei. Como nós cristãos sabemos que se revela em Jesus Cristo, nosso verdadeiro irmão mais velho, que o Pai enviou para nos encontrar e levar à casa paterna. É um amor que incide muito especialmente em quem é frágil e pobre, de muitas fragilidades e pobrezas; um coração voltado para a nossa miséria, como a palavra “misericórdia” quer dizer.

Um ano para nos empenharmos ainda mais na misericórdia que pedimos. Ano propício a decorar toda a lista tradicional das obras de misericórdia corporais e espirituais, como o Papa também lembra na sua bula (cf. nº 15). Porque “decorar” é reter no coração para pôr na vida.

Lembremo-las na formulação tradicional. As corporais: 1º) Dar de comer a quem tem fome. 2ª) Dar de beber a quem tem sede. 3ª) Vestir os nus. 4ª) Dar pousada aos peregrinos. 5ª) Assistir aos enfermos. 6ª) Visitar os presos. 7ª) Enterrar os mortos. As espirituais: 1ª) Dar bom conselho. 2ª) Ensinar os ignorantes. 3ª) Corrigir os que erram. 4ª) Consolar os tristes. 5ª) Perdoar as injúrias. 6ª) Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo. 7ª) Rogar a Deus por vivos e defuntos.

Chega um breve relance para reconhecermos a importância de cada uma e a harmonia do conjunto. Alimentar, dessedentar, vestir e abrigar referem-se a tudo o que há de mais essencial e básico para todos e não pode ser privilégio de alguns, como, tragicamente continua a ser ao nível da humanidade em geral. Basta lembrar que os recursos que dariam para todos são desproporcionalmente usufruídos por uma minoria da população mundial... Visitar doentes ou reclusos traduz uma solidariedade de raiz que se exercita especialmente nesses casos, mais expostos à solidão e ao desânimo. Solidariedade que nem esquece os restos mortais de quem partiu, mas não perdeu dignidade nem lembrança.

Dar bom conselho, ensinar os ignorantes e corrigir os que erram, tudo é cumprir a pedagogia recíproca que nos cabe, não desistindo de habilitar e melhorar a todos e a cada um. Ninguém nasce ensinado, todos temos algo a transmitir, aprender e reaprender. Consolar os tristes é fazer circular a alegria e a paz, que só assim se ganham e acrescentam. Perdoar as injúrias e sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo é, para quem segue a Cristo, imitar sobremaneira o seu mestre, que assim mesmo demonstrou a grandeza dum coração capaz de recriar o mundo. Rogar a Deus por vivos e defuntos é garantir com Deus que isso mesmo aconteça e eternamente seja.

A graça do presente Jubileu é proporcionar ao mundo um coração que o salve.

Manuel Clemente